

ARTIGO

Recebido em:
22/03/2012

Aceito em:
08/10/2012

Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 17, n. 35, p.1-26, set./dez., 2012. ISSN 1518-2924. DOI: 10.5007/1518-2924.2012v17n35p47

A Ciência da Informação e sua consolidação em face da interdisciplinaridade

The Information Science and consolidation in your face interdisciplinarity

Glessa Heryka Celestino de SANTANA¹

RESUMO

Este artigo apresenta uma discussão acerca da busca por uma identidade na disciplina Ciência da Informação, sob a ótica da interdisciplinaridade atribuída desde a sua origem. A informação, como objeto de estudo dessa disciplina, é vista como um fator que contribui para os entraves observados em seu reconhecimento com relação às outras disciplinas científicas, bem como à sociedade em geral. Destaca a institucionalização da Ciência da Informação, evidenciando seus requisitos, como um aspecto que se volta para o alcance do estatuto científico da disciplina.

PALAVRAS-CHAVE: Ciência da Informação. Interdisciplinaridade. Institucionalização.

ABSTRACT

This article aims to present a discussion related to identity issues present in Information Science disciplines. This is done considering interdisciplinarity that has been present since the creation of the discipline itself. Information is an object of study of this discipline and thus it is considered as a factor that contributes to some setbacks that prevent further recognition in relation to other disciplines, as well as society as a whole. The research also deals with Information Science institutionalization, emphasizing its requirements for the achievement of a scientific status of the discipline.

KEY-WORDS: Information Science. Interdisciplinarity. Institutionalization.



v. 17, n. 35, 2012.
p. 1-26
ISSN 1518-2924

¹ Universidade Federal de Pernambuco - glessah@hotmail.com



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

1 INTRODUÇÃO

Na história do conhecimento, pode-se reconhecer sua dependente ligação com o fazer ciência posto em prática no interior das universidades, locais onde indivíduos vêm se mostrando empenhados na renovação dos conhecimentos relativos aos problemas do homem e dos fenômenos da natureza. Essa renovação tem a ver com a inexorável necessidade de que o conhecimento seja ininterruptamente reconstruído, de acordo com os desafios que a natureza impõe às sociedades.

O surgimento de inúmeras disciplinas desde os últimos séculos desencadeou uma crescente especialização que promoveu maior dispersão do conhecimento, ainda que tenha trazido benefícios em sua produção, pois no estágio anterior categorias bastante gerais nem sempre davam conta de determinados problemas que foram despontando no novo cenário das sociedades.

Diante dessa experiência em que várias disciplinas eram conformadas, originava-se em cada uma o imperativo de ser reconhecida em suas potencialidades, em que pese a contribuição que poderia oferecer no desenvolvimento constante do conhecimento. Desse modo, o estatuto científico dessas disciplinas se correlaciona com a maturidade que apresentam enquanto ciência, com todas as implicações ocorridas tanto em seu próprio interior, no que se refere a suas práticas e aos seus membros, quanto em relação às demais disciplinas. Nesse contexto, a Ciência da Informação (CI) vem se dedicando ao alcance de seu amadurecimento científico, dificultado por seu percurso histórico interdisciplinar, assim como pelo fato de o seu objeto de estudo, a informação, ser de difícil apreensão em função de sua complexidade.

O presente trabalho pretende demonstrar que a Ciência da Informação tem sido reconhecidamente encarada como uma ciência institucionalizada – porque atende às demandas exigidas para essa finalidade –, mas que esse fato, embora contribua, não implica necessariamente o seu reconhecimento enquanto disciplina científica de prestígio frente às outras disciplinas e à sociedade como um todo. Nesse sentido, a consolidação da Ciência da

Informação prevê uma maturidade que lhe confira *status* científico, além do viés institucional.

2 CIÊNCIA PÓS-MODERNA E INTERDISCIPLINARIDADE

Independentemente da área do conhecimento, toda disciplina, ao longo de seu percurso histórico, tem como intenção primeira chegar à maturidade científica, qualidade especialmente relacionada com a institucionalização de uma ciência. Enquanto conjuntura que se propõe à averiguação sistemática de problemas com vistas ao conhecimento reconstruído continuamente, uma disciplina, em essência, possui vínculos com as universidades.

Como instituições historicamente responsáveis pelo incentivo na produção do conhecimento científico, sendo reconhecidas como espaço principal para as práticas que desencadeiem esse tipo de conhecimento, as universidades, em suas variadas instâncias, vêm ditando modelos a serem seguidos quando se tem como meta a institucionalização de uma disciplina. Uma vez inseridas nas sociedades, as universidades mantêm com elas uma relação de mútua influência, o que se reflete nas práticas de ambos os sistemas. A fragmentação do conhecimento, nesse sentido, pode ser citada como exemplo dessa reciprocidade, apresentando consequências na configuração das disciplinas científicas. Por esse motivo, a especialização exacerbada do conhecimento se mostrou uma alternativa no intuito de compreender os estratos a que o conhecimento científico recorreu para suprir as demandas originadas socialmente.

Acerca da relação entre disciplinas e universidades, Morin (2000, p. 105 *apud* GOMES, 2001) diz que “esse percurso histórico revela ‘[...] que as disciplinas têm uma história: nascimento, institucionalização, evolução, esgotamento etc.; essa história está inscrita na Universidade, que, por sua vez, está inscrita na história da sociedade’ [...]”. A especialização, na história do conhecimento científico e na das universidades, teve seu início a partir da urgência de provimento de profissionais para ocupar lugar nas atividades então surgidas em consequência das transformações ocorridas na dinâmica das

sociedades e das cidades, entre os séculos XII e XIII (GOMES, 2001). Então, as universidades, enquanto instituições que proveem a educação tanto para a prática da reflexão mas também com fins de exercício profissional, viram-se impelidas a subdividir as disciplinas clássicas, mais gerais, em disciplinas específicas e várias, fato que contribuiu para que se procedesse cada vez mais ao conhecimento especializado, cuja face negativa diz respeito ao caráter fragmentário que muitas vezes ele assume.

É exatamente com a organização dos homens em agrupamentos ou sociedades (ainda que em graus até mesmo rudimentares de organização, como as tribos, ou em graus mais complexos, como nas primeiras cidadelas) e a divisão de tarefas entre os vários membros destas sociedades que se começa a pensar na ideia de conhecimentos úteis, conhecimentos diferenciados para situações específicas. (SILVA; LIMA; ARAÚJO, 2009, p. 33)

Ao ser colocada sob enfoque na literatura, a definição de ciência é comumente evidenciada como algo difícil de ser circunscrito. Ainda assim, diante das várias visões relativas à ciência, cujo sistema constitui-se de membros regidos por leis, teorias, metodologias, há a concordância de que ela se destina prioritariamente à amplitude e renovação do conhecimento sobre o homem e a natureza.

A história demonstra que para esse intento seja bem-sucedido a ciência tem sido desenvolvida a partir de uma sistematização, em que critérios convencionais devem ser levados em conta a fim de que haja maior precisão na sua atividade. Ao associar a ciência a um quebra-cabeças, uma vez que se orienta essencialmente para os problemas com a pretensão de solucioná-los, Kuhn (1998, p. 65) depreende que “a existência de uma sólida rede de compromissos ou adesões – conceituais, teóricas, metodológicas e instrumentais – é uma das fontes principais da metáfora que relaciona a ciência normal à resolução de quebra-cabeças”. Nessa direção, Demo (2009) apresenta o que considera critérios formais de demarcação científica, quais sejam:

- a) a coerência, que tem a ver com a apresentação de uma sequência lógica no raciocínio, em que os conceitos e argumentos se

- b) mostrem pertinentes uns em relação aos outros como elementos que se complementam a fim de existir um cenário crível;
- c) a sistemacidade, um critério de ciência que aliado à consistência prevê maior organização ao discurso científico, de forma que o rigor se sobreponha a argumentos descontextualizados;
- d) a consistência, que diz respeito ao reconhecimento da argumentação como condição da ciência, uma vez que dela parte o desenvolvimento do conhecimento mediante sua contínua reconstrução através do ato de pesquisar;
- e) a originalidade, que requer que as pesquisas recentes tragam alguma contribuição ao que já foi produzido;
- f) a objetivação, que supõe a aproximação com a realidade no momento da reflexão, procedendo-se a um maior controle de teorias propensas a especulações; e, por fim,
- g) a discutibilidade, um critério que anuncia a necessidade de o discurso científico apresentar-se coerente, porém passível de críticas, o que permite novas leituras de um mesmo aspecto, desenvolvendo-se assim a ciência.

No entanto, é pertinente observar a inconstância na prática científica, em função de sua íntima correlação com as práticas cotidianas, e ainda com os fenômenos da natureza, cujas incertezas indicam a existência de possibilidades que fogem da ordenação pleiteada pela ciência, na qualidade de mecanismo sistemático.

[...] toda resposta a questionamento científico levanta outras questões (princípio kantiano da multiplicação das perguntas). Por outra, de conhecimento novo pode surgir novo conhecimento, como também solução de perguntas até então não respondidas, às vezes até por acaso. Parece-nos claro que a ciência não pode avançar apenas pela teoria. A história mostra-nos também como é perigoso sacar conclusões concretas de conhecimento pretensamente completos, sendo a prática também essencial. (DEMO, 2009, p. 46)

O rigor científico inerente ao fazer ciência vem sendo parte inseparável na sua constituição, o que não remete necessariamente à ideia de inflexibilidade. Nessa perspectiva, a ciência pós-moderna se diferencia dos estágios anteriores, especialmente quando se trata de maior liberdade no uso, por exemplo, de métodos, bem como no diálogo entre ciências em favor da reconstrução constante do conhecimento, nesse caso alcançado de maneira mais completa, porque sob a égide de uma visão plural. Feurbach (1977, p. 57), se pronuncia a esse respeito quando demonstra que “a variedade de opinião é necessária para o conhecimento objetivo. E um método que estimula a variedade é também o único método compatível com uma perspectiva humanista”. Francelin (2004a) assim se refere ao momento no qual se engendra esse novo fazer ciência.

A pós-modernidade é marcada por profundas transformações em diversos setores do conhecimento e do próprio cotidiano humano. Os avanços industriais, as guerras, o comércio, a produção em massa, a divisão política e econômica dos países, assim como o impulso tecnológico, interferem e sofrem interferência quase que direta do pensar e do fazer ciência. Estas questões fazem com que o ser humano se obrigue a ter posturas diferenciadas, ou seja, cada vez mais o mundo se pluraliza. A pluralização, por sua vez, também exige um pensamento plural.

Além de reivindicar uma investigação científica de problemas a qual abranja ângulos distintos e até conflitantes entre si como uma forma de enriquecimento, a ciência pós-moderna ainda convoca o senso comum a integrar seus conhecimentos. Assim procedendo, a ciência na pós-modernidade não se restringe a analisar unicamente problemas definidos, mas contempla as ambiguidades surgidas em consequência das intensas modificações vivenciadas desde os últimos séculos até a contemporaneidade. Daí o entendimento de Santos (2009, p. 89) ao dizer que “a ciência moderna construiu-se contra o senso comum que considerou superficial, ilusório e falso. A ciência pós-moderna procura reabilitar o senso comum por reconhecer nesta forma de conhecimento algumas virtualidades para enriquecer a nossa relação com o mundo”. Em continuidade, esse autor demonstra que

o conhecimento do paradigma emergente tende assim a ser um conhecimento não dualista, um conhecimento que se funda na superação das distinções tão familiares e óbvias que até há pouco considerávamos insubstituíveis, tais como natureza/cultura, natural/artificial, vivo/inanimado, mente/matéria, observador/observado, subjectivo/objectivo, colectivo/individual, animal/pessoa. (SANTOS, 2009, p. 62)

Nesse sentido, as práticas oriundas do cotidiano das pessoas passam a ser de interesse desse novo estágio da ciência. Sobre o senso comum sendo inserido na agenda científica, Francelin (2004, p. 34) afirma: “A pesquisa científica tem início no conhecimento vulgar, porém dele se diferencia através de metodologias e princípios que visam a legitimá-la enquanto conhecimento científico”.

A ciência na pós-modernidade tem a intenção de se distanciar de verdades estanques e dogmáticas, ao passar a considerar o conhecimento em sua natureza flexível, influenciada pelas transformações sociais que inexoravelmente afetam o fazer ciência. Sendo condição *sine qua non* da ciência a prática de examinar continuamente a natureza, o conhecimento historicamente acumulado, ela propõe-se a dar seguimento à construção dos saberes, posto que somente quando assim acontece torna-se possível a autocrítica, alimentada por questionamentos levantados de vários ângulos, num processo que se volta para o desenvolvimento científico.

Diante dessa nova abordagem no fazer ciência que pretende conter em sua dimensão a complexidade que o conhecimento adquire face às mudanças em curso, ocorridas em todas as esferas, a interdisciplinaridade é convocada para suprir essas demandas, no sentido de que por meio de trocas entre distintas disciplinas faz-se possível a agregação de múltiplos olhares. A partir deles, “ampliam-se as formas e as técnicas de construção dos conhecimentos, os consensos teóricos se diluem, dando passagem à interdisciplinaridade, uma das principais marcas na construção do saber e figura marcante no debate sobre a legitimidade científica em finais do século XX” (FRANCELIN, 2004a).

Recorre-se à interdisciplinaridade com vistas a uma participação integrada das disciplinas no andamento de pesquisas. Uma associação interdisciplinar, em essência, acontece se houver intercâmbio efetivo entre disciplinas que intentem, através da partilha de metodologias, de teorias, a compreensão do problema em estudo por um viés mais alargado, em que pese a impressão que cada disciplina registra no contexto interdisciplinar.

A interdisciplinaridade abre as barreiras disciplinares permitindo que as disciplinas façam incursões uma nas outras, intercambiando conhecimentos e procedimentos ou mesmo criando outros novos. Essas novas disciplinas vão manter suas características próprias, tendo em si a abertura à troca com outras disciplinas, de maneira mais profunda e dinâmica. Esta abordagem exige grande interação dos membros do grupo os quais devem assumir posição de aprendizagem, buscando a evolução do conjunto dos pesquisadores. (BICALHO; OLIVEIRA, 2005, p. 4)

Desse modo, a noção de interdisciplinaridade supõe a combinação de mais de uma disciplina visando um trabalho cooperativo o qual, por vezes, vem a formar outra disciplina resultante da natureza própria daquelas em interação teórico-metodológica. Uma ação colaborativa reclama uma coordenação entre pesquisadores e profissionais de áreas diversas de modo a comungar seus conhecimentos, unindo-os por elos fortes através dos quais se possa distinguir uma parceria sólida, consistente, entre os atores. A ocorrência de uma parceria como essa tem o potencial de agregar importantes saberes, cujo valor somente pode ser encontrado, em geral, em uma disciplina e não na outra, o que leva à necessidade de confrontá-los tendo em vista a superação de um reducionismo. Outros níveis de conjugação de esforços entre disciplinas existem, sendo verificada a diferenciação no que concerne ao tipo de conexão estabelecida, bem como às respostas que se originam nessa relação, influenciando assim as pesquisas conjuntas. Dentre esses níveis, destacam-se a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade pelo fato de estarem incorporados significativamente à ciência pós-moderna.

Japiassu (1976, p. 32), entende que “[a] característica central da interdisciplinaridade consiste no fato de que ela incorpora os resultados de

várias disciplinas, tomando-lhes de empréstimo esquemas conceituais de análise a fim de fazê-los integrar, depois de havê-los comparado e julgado”. A transdisciplinaridade, por sua vez, conforme Andalécio e Marteleto (2009) permite “pensar o trabalho nas interfaces das disciplinas, a superação de suas fronteiras, a migração de conceitos entre elas e a unificação do conhecimento, numa interação dinâmica construída por processos de autorregulação e de retroalimentação”. A característica colaborativa e ainda o processo dialético suscitado quando há uma relação interdisciplinar entre um conjunto de áreas do saber podem desencadear uma tal dinâmica que leve-as, a partir da reunião de seus conhecimentos, a questionarem constantemente o percurso de suas reflexões a respeito do objeto de estudo no qual se debruçam. Assim, percebe-se que a reciprocidade entre disciplinas traz maiores benefícios para a ciência, e em consequência para a sociedade, quando da aliança segue-se uma mudança nos campos científicos envolvidos, conforme Gomes (2001) demonstra quando diz que a

interdisciplinaridade efetiva é aquela que se atualiza no campo das abstrações teóricas, do estabelecimento das metodologias, mas também nas intervenções que as disciplinas promovem no social. Muitas vezes a característica interdisciplinar é examinada a partir da focalização do movimento interno de uma disciplina e, às vezes, detendo-se apenas na perspectiva teórica.

Como reflexo da comunicação de saberes entre áreas do conhecimento, a ciência tende a se desenvolver, conseqüentemente intervindo na sociedade, numa forma de corresponder às expectativas de melhorias necessárias para o bem-estar dos indivíduos. A Ciência da Informação já surge com forte cunho social, haja vista ter sido fundamentalmente voltada desde sua constituição para a resolução de problemas, em especial os relativos ao âmbito acadêmico-científico, revelados nas práticas do dia a dia. Sobre a Ciência da Informação como uma ciência aplicada social, Le Coadic (2004, p. 19-20) afirma:

De prática de organização a ciência da informação tornou-se uma ciência social rigorosa, sob o efeito de uma demanda social crescente e de novos desafios sociais e grandes avanços econômicos. Os estudos científicos, feitos no início por pesquisadores de fora da área e da

profissão, como os de psicologia, sociologia, economia, informática e telecomunicações, contribuíram muito para uma cientificização.

Ainda que haja um entendimento consensual da origem interdisciplinar – interdisciplinaridade cumprida em seu desenvolvimento, chegando à atualidade – enfatizada na literatura da área pelos autores tanto clássicos quanto por aqueles sem tanto renome, tem havido o questionamento acerca do fato de que essa noção costuma ser empregada e repassada sem que se proceda a uma contínua reflexão a respeito de sua adequação ao que pode ser demonstrado nas práticas.

Uma explicação possível para tal situação encontra-se no fato de que a área, qualquer que seja a designação a ela atribuída, situou-se, no século passado, na interdisciplinaridade, seguindo o modo de constituição proposto pela pós-modernidade, sem examinar com clareza sua própria trajetória de disciplina autônoma. É importante salientar a unanimidade bibliográfica a respeito do caráter interdisciplinar da Ciência da Informação [...]. Não se encontra, por sua vez, a reflexão disciplinar objetivamente relacionada à constituição do seu objeto teórico. (KOBASHI; SMIT; TÁLAMO, 2001)

Se a falta de um processo dialógico vem sendo observada na inter-relação da Ciência da Informação e as ciências com as quais se reúne na intenção de aproximar os respectivos conhecimentos para a formação de novos outros, é provável que tal circunstância se deva principalmente em razão de a CI encontrar-se em estado de indefinição. Nehmy et al. (1996, p. 19) destacam:

E como parece subentendido nos projetos disciplinares de diversos matizes para a trajetória da ciência da informação, há um anseio por parte de seus praticantes de definição de um acordo mínimo sobre a delimitação de seu campo de atuação. [...] Provavelmente isso se deveria mais ao tipo de problemática colocada pelo campo que, por não ter clareza de seu objeto, não se deteve ainda em questões de base mais filosóficas.

Relativamente às pesquisas efetuadas pela Ciência da Informação recorrendo a outras disciplinas visando uma atuação conjunta em que métodos, conceitos, teorias, confirmam maior sentido aos problemas em análise, costuma-

se denominá-las interdisciplinares, concebendo a Ciência da Informação como indiscutivelmente interdisciplinar. No entanto Gomes (2001), referindo-se aos estudos de Pinheiro (1999) acerca dessa disciplina e sua relação com a interdisciplinaridade, aponta:

Pinheiro (1999, p. 175-176), analisando o campo interdisciplinar da Ciência da Informação, conclui que os estudos e pesquisas que tratam sobre a interdisciplinaridade acabam por reconhecer que “[...] a Ciência da Informação incorpora muito mais contribuições de outras áreas, do que transfere para essas um corpo de conhecimentos gerado dentro de si mesma”.

Essa citação remete para um equívoco na definição da Ciência da Informação como ciência essencialmente interdisciplinar. Ao contrário do que assume o conceito de interdisciplinaridade conformado por renomados pesquisadores da temática, pela pesquisa de Pinheiro, a Ciência da Informação, embora reconhecidamente interdisciplinar em razão de sua origem, a qual foi acompanhada da interlocução com diferentes disciplinas, ao analisar-se o nível de integração junto a outras disciplinas, levando-se em consideração as consequências que deve acarretar no sentido de desenvolvimento da ciência face a mudanças verificadas devido à colaboração entre elas, percebe-se que a noção de interdisciplinaridade tem sido inapropriadamente aplicada à Ciência da Informação.

Acerca dessa abordagem, chama a atenção o fato de que há a incorporação permanente em grande parte das pesquisas em Ciência da Informação de teorias e metodologias importadas de outras disciplinas, porém a correspondência quase sempre não é percebida, isto é, as contribuições que a Ciência da Informação tem trazido para a ciência em termos de procedimentos teórico-metodológicos são em geral dispensadas nas pesquisas das demais disciplinas. A ausência de reciprocidade na aplicação das contribuições das disciplinas em conexão, prevista nessa situação, tem como consequência a ruptura no que se espera quando há referência à interdisciplinaridade como uma reunião de disciplinas capaz de enriquecer mutuamente as partes.

3 UMA IDENTIDADE EM CONFORMAÇÃO

Ao proceder a uma verificação da literatura da área, Nehmy et al. (1996) constataam a coexistência de pesquisas que partem do pressuposto de que a Ciência da Informação apresenta-se como uma ciência que é continuidade da Biblioteconomia e ainda de pesquisas que, em sentido oposto, avaliam essa disciplina como uma área do conhecimento que mesmo inserida num contexto interdisciplinar se pretende autônoma. Por esse viés, pode-se perceber a autonomia da CI no momento em que é observada a pluralidade no tratamento de temas que têm sido pesquisados, ampliando-se o cenário de investigação, quando comparado à perspectiva da CI como evolução da Biblioteconomia, visão que os referidos autores assinalam como hegemônica na literatura da área que trata de sua história.

Tanto a duplicidade no percurso histórico quanto a pluralidade de seu objeto de estudo, que conseqüentemente traz indefinição na investigação de seus problemas, comprometem a formação do caráter identitário da Ciência da Informação, o que subentende impedimentos na maturação dessa disciplina. Dando continuidade, Nehmy et al. (1996, p. 22) afirmam que “[...] não há indicação de que haja identidade entre os praticantes da área institucionalmente identificada como Ciência da Informação sobre a demarcação de seu campo de estudos, em conseqüência, sobre sua história e sobre quem são efetivamente os legítimos praticantes desta disciplina”. Nesse contexto, a Ciência da Informação continua se empenhando na tentativa de atingir um grau de maturidade que lhe confira uma maior consolidação diante de seus próprios membros, assim como das outras disciplinas e da sociedade em geral, sua institucionalização tem se apresentado como uma importante característica na obtenção do estatuto científico.

Desde o início de sua constituição, uma disciplina científica, qualquer que seja o campo do conhecimento em que se insere, vai ao encontro de construir uma identidade que a diferencie de outras disciplinas existentes. A identidade de uma disciplina corresponde especialmente ao consenso a que devem chegar seus praticantes a respeito das teorias, leis, conceitos, metodologias etc. de que lançam mão em suas pesquisas, sendo componentes indissociáveis do objeto. O

objeto situa uma disciplina no sentido de determinar os problemas que irá investigar a fim de incorporar novos olhares, subsidiando a ciência ao passo que se configura um sistema cuja razão de ser pressupõe a constância na renovação do conhecimento gerado em face dos problemas relacionados a seu objeto.

Sob o ponto de vista dos seus pesquisadores, a Ciência da Informação, considerada uma ciência emergente, ainda se encontra num estágio de procura por uma identidade que a torne única e reconhecível quando confrontada com o perfil identitário de outras disciplinas. Por sua vez, reconhecem-se os entraves nesse processo, sobretudo se o objeto informação é entendido como ponto vital para a conformação da identidade da Ciência da Informação. Smit, Tálamo e Kobashi (2004) nesse sentido evidenciam:

A Ciência da Informação é um campo científico em constituição. Assim como não há opiniões constantes quanto ao seu objeto e campo abrangido. [...] associa a propalada interdisciplinaridade da área a uma reunião de diferentes disciplinas, revelando uma inconsistência teórica, associando à área uma abordagem a-histórica.

Elemento presente em domínios variados devido a sua face complexa e plural, a informação tem sido investigada a partir de inúmeras perspectivas, o que acaba por constituí-la em objeto passível de ser analisado por diferentes disciplinas; desse modo, a Ciência da Informação compartilha o seu objeto com outras ciências. Contudo, vem se perseguindo justamente a delimitação dos problemas próprios dessa disciplina em relação ao objeto informação. Kobashi (2003, p. 8) corrobora essa questão ao dizer que

[...] o estudo da informação, da sua produção, circulação e consumo, assume importância primordial, sendo desenvolvido por várias áreas do conhecimento. Assim, ao lado da importância da informação se reconhece também a complexidade de abordá-la. Muitas são as disciplinas que a focam e, cada um deve nela, identificar o seu objeto específico para que uma atividade compreensiva sobre o assunto substitua a explicação mecânica e funcionalista largamente difundida no campo, que não raro introduziram mais dúvidas e imprecisões do que soluções.

A coexistência de algumas disciplinas que tomam para si a informação enquanto objeto, analisando seus problemas, além de provocar dispersão no desenvolvimento do saber a ele relacionado, conseqüentemente no de produtos e serviços que daí pode advir, também resulta em fragmentação do conhecimento em vista da divisão da pesquisa em departamentos, aspecto que às vezes leva as disciplinas a concorrerem entre si com o intuito de serem reconhecidas pelo tratamento desse objeto. Nessa perspectiva, Saracevic (1995, p. 7) aponta:

Certamente, a Ciência da Informação não é o único campo atingido pelos problemas da informação. Não tem monopólio sobre eles, como nem um outro campo tem. [...] deslocamentos significativos estão acontecendo em numerosos campos para solucionar o mesmo problema ou problemas similares de informação, de maneira às vezes completamente diferentes.

A ambigüidade do objeto informação é notada no interior mesmo da Ciência da Informação, por seus próprios pesquisadores, na medida em que sendo introduzida a distintas teorias a noção de informação varia basicamente acerca do entendimento que as ciências lhe atribuem em relação à sua dependência ou não de inserção num dado contexto para que possua significado.

Com base no argumento de que o objeto informação é integrante da Ciência da Informação, e ainda de outras ciências, compreende-se a versatilidade e abrangência na sua investigação. De acordo com Braga (1995), “[...] umas das maiores lacunas da área, constantemente mencionada na literatura, é a quase-ausência de um quadro teórico. Quadro teórico seria o pano de fundo necessário a novas abordagens epistemológicas e metodológicas”. Dessa maneira, para lidar com tal complexidade, a Ciência da Informação, desde sua origem, é encarada como uma ciência interdisciplinar.

É pertinente destacar que a Ciência da Informação é entendida também como uma ciência social aplicada, tendo desse modo a preocupação com a contrapartida prática que pode oferecer à comunidade quando da realização de

parte de suas pesquisas. Pinheiro (2001) trata da relação histórica dessa ciência com outras disciplinas e de sua condição social quando diz:

A Ciência da Informação tem seu próprio estatuto científico, como ciência social que é, interdisciplinar por natureza, e apresenta interfaces com a Biblioteconomia, Ciência da Computação, Ciência Cognitiva, Sociologia da Ciência e Comunicação, entre outras áreas, e suas raízes, em princípio, vêm da bifurcação da Documentação/Bibliografia e da Recuperação da Informação. E seu objeto de estudo, por si mesmo, na complexidade de categoria abstrata, é de difícil compreensão.

A história interdisciplinar da CI contribui especialmente para essa sua função de ciência aplicada, o que fica evidente na ocasião em que se julgam os eventos ocorridos principalmente durante a Segunda Guerra Mundial, período que imprimiu na CI a marca da interdisciplinaridade. À época, diante de tantos imperativos que demandavam esforços conjuntos com a finalidade de fazer frente às inovações bélicas empreendidas pelos oponentes, fez-se obrigatória a incorporação de conhecimentos advindos de variados campos do conhecimento, visto que era preciso recuperar eficazmente a quantidade abundante e cada vez mais crescente de documentos científicos produzidos, cujos conteúdos poderiam superar os conhecimentos dos adversários. Fortemente fundamentada em bases interdisciplinares desde sua origem, a CI, por essa razão, vem sendo compreendida de maneira muitas vezes equivocada por pessoas que se encontram tanto no interior quanto principalmente no exterior das comunidades acadêmico-científicas. É comum serem estabelecidas relações entre disciplinas de tal sorte que uma toma erroneamente o lugar da outra, como se percebe quando os limites no objeto de uma e outra ciência são confundidos.

Exemplo para esses casos é a associação feita entre Ciência da Informação e Ciência da Computação, em vista do lugar ocupado pela informação na atualidade, atrelando-se intrinsecamente às novas tecnologias de informação e comunicação, o que lhe confere um caráter informático. Contudo, se a contemporaneidade permite uma perspectiva que contemple a ligação especial entre Ciência da Informação e Ciência da Computação, afirma-se que a

CI combina-se a vários outros campos científicos, constituindo-se sua identidade basilar desde o princípio.

Promover a disseminação dos conhecimentos construídos durante as pesquisas desenvolvidas no âmbito de uma disciplina científica é primordial para o aprimoramento e formação da identidade de uma ciência. Ao assim proceder, os pesquisadores estarão contribuindo não somente para o desenvolvimento da ciência enquanto sistema, com suas implicações na comunidade previstas quando se remete ao seu cunho social, mas também terão parte na institucionalização da disciplina científica na qual estão empenhados. Assim, pode-se dizer que a divulgação das pesquisas a que têm se dedicado os pesquisadores concorre, em conjunto com outros fatores, para que uma disciplina seja institucionalizada, isto é, reconhecida enquanto tal frente às outras disciplinas que compõem a ciência como um todo e ao público em geral. Divulgar efetivamente o conhecimento delineado no interior de uma dada disciplina, tendo em vista sua institucionalização, passa pela compreensão de que meios tanto formais quanto informais devem ser considerados.

Os periódicos científicos especializados, principal veículo de divulgação de artigos científicos, são exemplo de infraestrutura formal destinada a ser um canal de comunicação dos resultados de pesquisa. Daí, aponta-se que os periódicos científicos têm se apresentado reconhecidamente como um espaço em que os conhecimentos de determinada área são validados a partir de mecanismos de avaliação por pares que, baseando-se em critérios de qualidade preestabelecidos e aceitos na comunidade, são responsáveis por averiguar, entre outros aspectos, a pertinência de um trabalho à temática e à área do conhecimento em que se inclui. A esse respeito, Mueller (1999) comenta que

quatro funções são geralmente atribuídas ao periódico científico: estabelecimento da ciência “certificada”, i.e., do conhecimento que recebeu o aval da comunidade científica, canal de comunicação entre os cientistas e de divulgação mais ampla de ciência, arquivo ou memória científica, e registro da autoria da descoberta científica.

A referida autora, ainda no que se refere aos periódicos científicos, menciona a posição de destaque que é conferida a elementos como citações,

referências bibliográficas e recorrência no apontamento de autores relevantes na área. Juntamente com outros ligados ao ensino e à pesquisa, esses elementos traçam caminhos para a consolidação de uma disciplina, pois, quando se tem em vista um panorama, cada um deles significa um aspecto a ser considerado e incluído em defesa da consolidação da disciplina (SILVEIRA; BAZI, 2008). Considerando que os artigos científicos são resultantes das pesquisas empreendidas dentro do escopo de um campo do conhecimento, chama-se a atenção para a importância que tem a pesquisa, a qual antecede a divulgação e aplicação do conhecimento e em geral caminha ao lado do ensino, constituindo-se um dos elementos, nesse caso o principal, para a consolidação de uma disciplina científica (BAZI; SILVEIRA, 2007).

É através da pesquisa que à ciência permite-se prosseguir, tornando-a capaz de cumprir com seu principal propósito, qual seja, fomentar a expansão do conhecimento a partir de sua incessante reconstrução. Tendo por fundamentação o produto da reflexão instituída na ação de pesquisar, o ensino é também entendido como um componente que integra a lista de atividades essenciais para a institucionalização da disciplina científica.

Se encaramos o desenvolvimento de uma disciplina, qualquer seja, como uma atividade humana, como empresa racional bem-estruturada que se desenvolve numa história, essa empresa tem duas faces: 1) *Uma face cognitiva*. Uma disciplina é uma tradição comum de processos intelectuais e técnicas que lidam com problemas teóricos e práticos. 2) *Uma face social*. Uma disciplina é um conjunto organizado de instituições, funções e pessoas [...] cujo mister é aplicar e melhorar esses processos. É esse conjunto que garante a legitimidade dos conhecimentos aos quais se recorre para elaborar, racionalmente, seus comportamentos cognitivos e sociais na disciplina em questão. E é, portanto, esse conjunto que, ao outorgar o status de disciplina, garantindo a legitimidade dos conhecimentos, implicará também sua ensinabilidade. (LE COADIC, 2004, p. 113, grifo do autor)

A prática de ensino vincula o conhecimento gerado às demandas dos alunos no que se refere à aquisição do conhecimento em si, bem como às necessidades observadas em relação às competências exigidas no mercado de trabalho. Nesse âmbito, vale destacar ainda a existência das atividades de

extensão, cujas ações visam à criação de elos entre universidade – lócus de pesquisa por excelência – e comunidade, numa interação social que prevê a contrapartida da ciência em favor da qualidade de vida e desenvolvimento dos indivíduos. O reconhecimento da sociedade que daí pode resultar apresenta implicações na consolidação da disciplina, já que mediante esse compromisso a população toma conhecimento do que vem a ser tal disciplina, ao visualizar que atividades seus profissionais desempenham e como eles podem contribuir para o progresso da sociedade.

Vale salientar, entretanto, que uma disciplina adquire estatuto científico fundamentalmente se houver o reconhecimento por sua própria comunidade e, ainda, pelas demais, que nesse caso admitem a existência de atores, atividades, dentre outras características, que se lhe são peculiares. Por essa perspectiva, Bazi e Silveira (2007, p. 130) dizem que

a institucionalização de uma disciplina científica refere-se à clareza e à organização das estruturas formais e informais dos componentes conceituais e sociais que são reconhecidos por sua comunidade e por outras. A institucionalização envolve operações e atividades consolidadas internamente pela ciência, onde as outras ciências reconhecem sua condição como tal e a convidam para se incorporar ao conjunto das ciências.

Um dos elementos a serem pontuados em se tratando de institucionalização da ciência, conforme Kobashi e Santos (2008), remete a indicadores visualizados a partir de bases de dados referenciais, já que demonstram em números, bem como num viés qualitativo, o panorama de produção científica de uma área. Diante desse demonstrativo, pode-se proceder a uma análise de como o campo vem se desenvolvendo, observando-se as relações que trava com diferentes disciplinas, quais os autores e temas mais pertinentes na área, de acordo com determinada época. Assim, o quadro que é formado ao se lançar mão desses indicadores configura-se, quando analisados baseando-se em metodologias adequadas, um aspecto a mais no momento em que são colocados em tela atributos necessários para uma ciência institucionalizada.

Ainda a esse respeito, é preciso considerar a importância que a pesquisa tem para a legitimidade da ciência, uma vez que, através dela, pesquisadores retomam estudos anteriormente desenvolvidos com a finalidade de contribuir para o avanço científico e, como esperado, também para o da sociedade que influencia e é influenciada por essa ciência.

Isso ocorre mediante a abordagem analítica de ângulos pouco explorados nas pesquisas anteriores, de modo que os pesquisadores deem continuidade às explorações realizadas sobre determinado problema a fim de que o entendimento a seu respeito vá sendo construído, em busca de uma maior aproximação de sua compreensão.

Embora não possa haver uma compreensão totalizante e irrevogável de um dado objeto, já que o conhecimento encontra-se em contínuo processo de transmutação, à ciência e aos seus praticantes requer-se, para que seja legitimada, o desenvolvimento incessante de investigações, pautadas no rigor científico. Em outras palavras, a identidade de uma dada ciência tem a ver, entre outros fatores citados, com as características que sua literatura apresenta no tocante à materialidade, entendida, nesse sentido, pelo viés da publicação dos estudos em artigos científicos, livros, teses e dissertações, anais de eventos etc. Por meio da publicação das pesquisas desenvolvidas e em andamento, a configuração de um campo do conhecimento pode ser visualizada, em seus variados aspectos, posto que a disseminação do conhecimento nela produzido influencia fortemente na sua legitimidade.

Tal cenário serve de parâmetro para a análise da disciplina com relação ao reconhecimento, ou ausência de, por parte tanto de outras áreas do conhecimento quanto da sociedade em geral. Em sua história, a ciência tem sido encarada pelas sociedades como uma atividade que reúne pessoas envolvidas em torno de questões que além de levar ao conhecimento ainda tragam benefícios, especialmente no que tange ao bem-estar dos indivíduos e da coletividade. Portanto, o reconhecimento de uma disciplina, a ponto de ser considerada uma ciência, deve levar em consideração também o público leigo, isto é, de não especialistas, no momento em que se torna explícita a relação entre a disciplina e os resultados que pode transferir em prol da comunidade.

Ante o exposto, considera-se que a Ciência da Informação prossegue no seu desenvolvimento, e assim o estatuto científico dessa disciplina não se encontra ainda totalmente conformado, seja em face de outras disciplinas, seja relativamente ao senso comum. Conforme Nehmy et al. (1996, p. 23), “na verdade, a Ciência da Informação, enquanto uma área derivada da Biblioteconomia ou como uma área autônoma, se institucionalizou também antes de obter o estatuto de cientificidade ou de ter alcançado maturidade científica”.

Entretanto, embora continue objetivando a maturidade científica, é possível entender a Ciência da Informação como uma disciplina institucionalizada, à medida que cumpre com tarefas pertinentes à tríade pesquisa, ensino e extensão, a qual vem a se materializar através da produção intelectual, por exemplo. Mueller, Campello e Dias (1996) nessa perspectiva indicam:

Três características são indícios de maturidade de uma área do saber e marcam o seu grau de institucionalização e desenvolvimento: a existência de literatura científica e profissional, a existência de uma associação ou sociedade científica e a existência de cursos regulares para a formação de novos profissionais e de pesquisadores. Entre essas características, a existência da literatura talvez seja o requisito mais importante para o desenvolvimento da ciência [...].

A Ciência da Informação apresenta em suas práticas os requisitos exigidos para a institucionalização de uma disciplina. Sobre esse aspecto, Le Coadic (2004, p. 23-24) demonstra:

Acompanhando o surgimento desses novos conhecimentos, implantou-se, progressivamente, um conjunto de estruturas que visam a proporcionar status científico e social à Ciência da Informação. 1) As revistas científicas são uma dessas estruturas [...] 2) Os bancos de informação são outros veículos dos conhecimentos produzidos na Ciência da Informação e os recursos da internet 3) [...] as sociedades científicas e profissionais [...] que organizam regularmente congressos, colóquios e conferências nos diversos campos da ciência e da indústria da informação 4) Há, por fim, para

formar profissionais da informação, os cursos e as universidades de ensino da Ciência da Informação.

Como já destacado, a realização de pesquisas desempenha papel imprescindível nesse processo, e no caso da Ciência da Informação pode ser pontuado que sua produção científica está associada quase que exclusivamente à universidade, em especial aos cursos de pós-graduação. No Brasil, a pós-graduação tem se revelado o espaço prioritário na produção do conhecimento; nela, os pesquisadores são impelidos a desenvolverem estudos que suscitem novas perspectivas a respeito de problemas, trazendo como resultado inovações nesses campos. A disciplina Ciência da Informação, assim como todas as demais, recebe avaliação de agências de fomento à pesquisa, que, com base em critérios de qualidade previamente estabelecidos em editais públicos, financiam os programas de pós-graduação em suas atividades, subsidiando ainda bolsas de estudos para seus pesquisadores. Nesse sentido, as agências de fomento constituem mecanismos que promovem uma contínua manutenção da área, posto que se mostram responsáveis por indicar as diretrizes para o alcance da consolidação.

No âmbito dos programas de pós-graduação, a pesquisa está centrada em áreas de concentração, as quais abrangem, por sua vez, linhas de pesquisa e projetos de pesquisa. Em relação a estes últimos, é preciso haver convergência, de modo que exista sintonia entre as instâncias, as quais se mostram essenciais na formação de um corpo consolidado de determinada disciplina. Tanto a linha de pesquisa quanto o projeto de pesquisa são relacionados inerentemente à sua área de concentração, que não deve escapar da identidade da disciplina a que se submete, necessitando apresentar recortes, visualizados em suas ementas. González de Gómez (2008) chama a atenção para esses aspectos, ao mencionar:

Uma área de concentração é um recorte convencional em um campo do conhecimento formalmente reconhecido, indicando uma direção preferencial do aporte institucional do campo. [...] Para consolidar a pesquisa institucional, é necessário desenvolver diferentes meios de articulação entre os projetos, a memória epistemológica do campo científico e as estruturas técnico-administrativas que permita a gestão organizacional daquelas complexas e onerosas atividades de

produção e transferência de conhecimentos. As linhas de pesquisa são uma dessas formas desenvolvidas para vincular pesquisadores, projetos de pesquisa e as estruturas e metas de desenvolvimento informacional.

Por meio das linhas de pesquisa, bem como dos projetos de pesquisa, o mapeamento de pesquisas de uma disciplina pode ser configurado, como uma forma de verificar sua produção científica, fator que indica o impacto que a disciplina tem relativamente às demais e ainda demonstra o andamento de sua consolidação, através de indicadores concernentes à pertinência das pesquisas no que se refere à disciplina, bem como a terminologia empregada nos estudos. Em se tratando da Ciência da Informação e sua identidade enquanto ciência, sua terminologia ainda está para ser distinguida das de outros campos do conhecimento, na medida em que entraves existem devido justamente ao objeto complexo e compartilhado que possui. Por outro lado, o processo de amadurecimento da disciplina Ciência da Informação, influenciando sobremaneira a busca por identidade, dá-se também pelo estabelecimento de espaços oficializados tanto no âmbito acadêmico quanto nas atividades profissionais da área.

Sobre esses aspectos, nota-se a institucionalização dessa disciplina na realização de cursos de pós-graduação em todo o país, voltados para a pesquisa e com grande interesse na internacionalização de suas atividades; na constituição de um corpo docente que se preocupa com a formação de profissionais da informação e com a integração entre programas de pós-graduação e cursos de graduação; na existência de periódicos científicos especializados da área, embora ainda em quantidade incipiente, alguns dos quais possuem conceitos de qualidade adotados por agência de fomento à pesquisa responsável no país; na representação através de sociedades científicas; na promoção de eventos científicos como espaços de discussão e incentivo a novas pesquisas, dentre outros fatores relevantes nesse sentido.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A problemática da interdisciplinaridade na Ciência da Informação ao mesmo tempo em que trouxe e continua a trazer dificuldades na consolidação do campo devido à ausência de uma melhor delimitação de seu objeto, também contribui para o seu reconhecimento ao agregar conhecimentos de outras áreas que se veem compelidas a conversar com a CI, visando uma experiência globalizante de construção e reconstrução do conhecimento.

Esse dialogismo pode ser explicitado quando, por exemplo, pesquisadores de áreas externas à Ciência da Informação submetem suas pesquisas a fim de participarem de eventos da área, em razão de reconhecerem o potencial que a abertura interdisciplinar dessa área tem a oferecer no sentido de colaboração para a soma de competências e experiências provenientes de distintos campos de atuação.

A disciplina Ciência da Informação vem se encaminhando para uma maturidade, apesar dos impedimentos causados pela indefinição em seu objeto de investigação e por sua natureza interdisciplinar, o que acarreta dificuldades também na distinção da terminologia empregada na área, bem como no quadro teórico-metodológico a ser aplicado nas pesquisas por seus praticantes.

Em vista das características necessárias para que uma disciplina seja considerada institucionalizada, compreende-se que a Ciência da Informação está, em geral, adequada a esses requisitos, tendo seu estatuto científico admitido, levando-se em consideração os elementos de que se vale para o alcance da institucionalização. Ainda assim, o reconhecimento e a consolidação da Ciência da Informação como uma ciência madura pela sociedade em geral e pelas demais disciplinas se mostra uma trajetória a ser percorrida, a qual demanda o compromisso de todos os seus praticantes.

REFERÊNCIAS

ANDALÉCIO, Aleixina; MARTELETO, Regina. *Transdisciplinaridade e informação: discurso e prática na universidade*. 2009. Disponível em:
<<http://dci2.ccsa.ufpb.br:8080/jspui/bitstream/123456789/428/1/GT%201%>

20Ttxt%202-%20ANDALECIO,%20A.,%20MARTELETO,%20R.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2011.

BAZI, Rogério; Silveira, Murilo. Constituição e institucionalização da ciência: apontamentos para uma discussão. *TransInformação*, Campinas, v. 19, n. 2, p. 129-137, maio/ago. 2007. Disponível em: <<http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/viewarticle.php?id=253&locale=es>>. Acesso em: 5 jul. 2011.

BICALHO, Lucinéia; OLIVEIRA, Marlene. *Transdisciplinaridade nas ciências: o lugar da Ciência da Informação*. 2005. Disponível em: <http://cettrans.com.br/artigos/Lucineia_Maria_Bicalho_e_Marlene_de_Oliveira.pdf>. Acesso em: 7 jul. 2011.

BRAGA, Gilda. Informação, Ciência da Informação: breves reflexões em três tempos. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 24, n. 1, 1995. Disponível em: <<http://capim.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/viewArticle/534>>. Acesso em: 5 jul. 2011.

DEMO, Pedro. *Metodologia do conhecimento científico*. São Paulo: Atlas, 2009.

FEYRABEND, Paul. *Contra o método*. Tradução de Octanny S. da Mota e Leonidas Hegenberg. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

FRANCELIN, Marivalde. Ciência, senso comum e revoluções científicas: ressonâncias e paradoxos. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 33, n. 3, p. 26-34, set./dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19652004000300004&script=sci_arttext>. Acesso em: 5 jul. 2011.

FRANCELIN, Marivalde. Configuração epistemológica da ciência da informação no Brasil em uma perspectiva pós-moderna: análise de periódicos da área. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 33, n. 2, p. 49-66, maio/ago. 2004a. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v33n2/a05v33n2.pdf>>. Acesso em: 5 jul. 2011.

GOMES, Henriette. Interdisciplinaridade e Ciência da Informação: de característica a critério delineador de seu núcleo principal. *DataGramaZero*, v. 2, n. 4, ago. 2001. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/ago01/Art_04.htm>. Acesso em: 2 jul. 2011.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Política e gestão da informação: novos rumos. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 28, n. 2, maio/ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19651999000200001&script=sci_arttext&tlng=es>. Acesso em: 2 jul. 2011.

JAPIASSU, Hilton. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KOBASHI, Nair. Informação: fenômenos e objeto de estudo da sociedade contemporânea. *TransInformação*, Campinas, v. 15, edição especial, p. 7-21, set./dez. 2003. Disponível em: <<http://wersig.objectis.net/artigos/3o%20artigo.pdf>>. Acesso em: 5 jul. 2011.

KOBASHI, Nair; SANTOS, Raimundo. Institucionalização da pesquisa científica no Brasil: cartografia temática e de redes sociais por meio de técnicas bibliométricas. *TransInformação*, Campinas, v. 18, n. 1, p. 27-36, jan./abr. 2008. Disponível em: <<http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/login.php>>. Acesso em: 2 jul. 2011.

KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LE COADIC, Yves-François. *A Ciência da Informação*. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

MUELLER, Suzana. O círculo vicioso que prende os periódicos nacionais. *DataGramaZero*, n. zero, dez. 1999. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/bitstream/10760/6189/1/Art_04.htm>. Acesso em: 2 jul. 2011.

MUELLER, Suzana; CAMPELLO, Bernadete; DIAS, Eduardo. Disseminação da pesquisa em Ciência da Informação e Biblioteconomia no Brasil. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 25, n. 3, 1996. Disponível em: <<http://capim.ibict.br/index.php/ciinf/article/viewArticle/453>>. Acesso em: 2 jul. 2011.

NEHMY, Rosa et al. A Ciência da Informação como disciplina científica. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 9-25, jan./jun. 1996. Disponível em:

<<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/viewFile/239/26>>. Acesso em: 5 jul. 2011.

PINHEIRO, Lena. Campo interdisciplinar da ciência da informação: fronteiras remotas e recentes. Disponível em:

<<http://www.ojs.unam.mx/index.php/ibi/article/view/3884>>. Acesso em: 5 jul. 2011.

SANTOS, Boaventura. Um discurso sobre as ciências. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SARACEVIC, Tefko. A natureza interdisciplinar da Ciência da Informação.

Tradução de Durval de Lara Filho. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 24, n. 1, p. 36-41, 1995. Disponível em:

<<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/viewArticle/530>>. Acesso em: 5 jul. 2011.

SILVA, Alzira; LIMA, Isabel; ARAÚJO, Carlos. Desvelando a interdisciplinaridade da Ciência da Informação: o enfoque dos alunos do PPGCI/UFMG. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 38, n. 1, p. 31-41, jan./abr. 2009. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/ci/v38n1/02.pdf>>. Acesso em: 7 jul. 2011.

SILVEIRA, Murilo; BAZI, Rogério. A Ciência da Informação no Brasil e sua frente de pesquisa: estudo cienciométrico sob a ótica da institucionalização da pesquisa científica (1995-2005). *Encontros Bibli*, Florianópolis, n. 26, 2º sem. 2008. Disponível em: <<http://www.journal.ufsc.br/index.php/eb/article/viewArticle/7179>>. Acesso em: 2 jul. 2011.

SMIT, Johanna; TÁLAMO, Maria de Fátima; KOBASHI, Nair. A determinação do campo científico da Ciência da Informação: uma abordagem terminológica.

DataGramZero, v. 5, n. 1, fev. 2004. Disponível em:

<http://www.datagramazero.org.br/fev04/Art_03.htm>. Acesso em: 7 jul. 2011.